

APRESENTAÇÃO

Em tempos em que a educação brasileira, do nível básico à pós-graduação, sofre ameaças constantes, seja na forma de projetos como o “escola sem partido”, seja mediante o conhecido sucateamento das instituições a fim de que se justifique o discurso do estado mínimo e se acedam os interesses privados, a Mandinga – Revista de Estudos Linguísticos publica sua quarta edição, contendo produtos de pesquisas realizadas no âmbito da Universidade Pública brasileira.

O artigo que abre esta edição, intitulado “**Chá versus Té, um percurso histórico no PB**”, é de Camila Antônio Barros e Matheus Saez Magalhães e Silva, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trata-se de uma pesquisa etimológica cujo objetivo é abordar o percurso da palavra *chá* no português brasileiro, em comparação com a palavra *té*, existente em diversos idiomas, como o francês e o espanhol. Embasados em Durking (2008) e Campbelle Mixco (2007), os autores observam que ambos os vocábulos possuem percursos iniciais semelhantes, porém a palavra *chá* apresenta mudança semântica, passando a ser utilizada de maneira mais ampla, num processo conhecido como *broadening* ou *widening*.

Também flagrando a constante mutabilidade das línguas, ainda que de outro iés, o artigo “**Entre a afeição gráfica arcaizante e o impulso da modernidade: a língua em movimento nas correspondências de Mário de Andrade e Câmara Cascudo**”, de Maria Hozanete Alves de Lima e Felipe Morais de Melo, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), analisa dois fenômenos recorrentes nas correspondências dos dois supracitados expoentes da cultura brasileira. O primeiro fenômeno, denominado ‘afeição gráfica arcaizante’, consiste na conservação de registros de sistematizações ortográficas não mais vigentes à época em que os textos que constituem o *corpus* analisado foram escritos e é bastante recorrente nas cartas de Câmara Cascudo. Não obstante, ao lado desse uso, que se inclina a uma postura mais conservadora em relação à língua, observa-se, também, emprego diferenciado do apóstrofo (’), principalmente na tentativa de reproduzir certas pronúncias populares, registrando-se erosões fonológicas.

O artigo de Elisângela Cardoso, do Instituto Federal da Bahia (IFBA), também aborda usos populares da língua. Intitulado “**A utilização de ditos populares para um estudo do dialeto do sertão baiano em sala de aula**”, a pesquisa analisa o impacto de um projeto de ensino de LP a partir de ditos populares. Embasada em Bagno (2015), Possenti (2016) e Soares (2016), a pesquisa constatou que, de um lado, o reconhecimento e a valorização de ditos populares do sertão baiano em sala de aula foi bastante vantajoso; embora se observe, por outro lado, a persistência da noção de preconceito linguístico.

Tendo como foco a práxis pedagógica de um professor no Mestrado Profissional em Letras, o artigo de Geison Araújo Silva, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e Jailson Almeida Conceição, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) objetiva investigar como o sujeito da pesquisa articula as instâncias de ensino de língua materna: leitura, produção de texto e análise linguística. Intitulado “**Mestrado profissional em letras e prática docente no ensino de língua portuguesa: um estudo de caso**” é uma pesquisa quali-interpretativa, fundamentada em autores como Bakhtin (1992), Bronckart (1999), Geraldi (1996; 1997), Kleiman (1989; 1996; 2007), Mendonça (2006), Marcuschi (2008), Corrêa (2009). Os resultados apontam que, embora tenha havido fomação continuada, mediante o ProfLetras, a prática docente apresenta-se desarticulada em relação ao tripé supramencionado.

Por fim, esta edição da Mandinga fecha-se com a resenha do livro “*O Ensino de Inglês como Língua Estrangeira para Crianças no Brasil: cenários e reflexões*”, de Camila Sthépanie Colombo sob orientação de Douglas Altamiro Consolo. A resenha foi elaborada por Adriana Aparecida Carvalho Pereira, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Kennedy Cabral Nobre (Unilab)